

A clínica com famílias de crianças e adolescentes desaparecidos: desafios da parceria entre a pesquisa e a psicanálise aplicada¹

por Claudia Figaro-Garcia²

O Projeto Caminho de Volta (www.caminhodevolta.fm.usp.br) foi desenvolvido em 2004 na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – FMUSP (Brasil) e oferece, gratuitamente, às famílias de crianças e adolescentes desaparecidos menores de 18 anos, a possibilidade de deixarem arquivados seus perfis genéticos (coletados por meio de uma gota de sangue e saliva) em bancos de DNA para eventual comparação com o DNA do desaparecido encontrado, desde que não seja possível sua identificação.

As famílias também são entrevistadas por psicólogos em uma delegacia de polícia após terem registrado a ocorrência desse desaparecimento. Mais três entrevistas de retorno são agendadas e a família é orientada a trazer o desaparecido quando encontrado. Esse trabalho foi organizado e tem sido supervisionado na perspectiva da psicanálise de orientação lacaniana. Em 77% dos 717 casos atendidos a fuga de casa foi o desaparecimento mais frequente (Gattás, Figaro-Garcia, Landini, 2011) sendo considerado um sintoma devido às inúmeras repetições e em alguns casos uma maneira do adolescente se posicionar como sujeito, de fazer valer seu desejo (Figaro-Garcia, 2010), como ilustra o caso que atendi e que fez parte de um projeto de pesquisa financiado onde foram oferecidas, além das entrevistas na delegacia, 12 sessões realizadas na FMUSP.

Na delegacia o pai de Ana, 14 anos, disse que a filha havia desaparecido pela segunda vez e que ela “*começou a dar trabalho*” há dois anos. Fez um furto, apanhou do pai e fugiu. Encontrada foi encaminhada para um abrigo. A violência paterna explícita no discurso do pai “*ou ela volta e cumpre as regras que eu quero ou ela vai para algum lugar que ponha regras nela*”- indicava o lugar que ele queria que a filha ocupasse. O significante obrigada no sentido de submetida assinalava uma posição no desejo paterno que Ana não queria ocupar. Acreditei que, por estar no abrigo viria nas 12 sessões, pois seria trazida por alguém. Tal crença atravessou violentamente a questão transferencial uma vez que, da analista havia o desejo de que esse modelo de atendimento se mostrasse viável e capaz de operar efeitos terapêuticos, pois era o objetivo central de um projeto de pesquisa. Esse desejo, ao invés de ser o que propiciaria a possibilidade de um trabalho clínico acabou, nas primeiras sessões, atravessado pelos imperativos institucionais transformando a escuta em surdez analítica. Percebia que o manejo da transferência estava equivocado e insistia nessa repetição. Como afirma Lacan, é o gozo que necessita a repetição e na pressa em obter um resultado que precisava ser fornecido ao Outro,

¹ Trabalho apresentado no ENAPOL 2011, 5º Encontro Americano e XVII Encontro Internacional do Campo Freudiano, Rio de Janeiro, Brasil.

² Doutora em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, psicanalista membro da CLIPP – Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisa em Psicanálise associada ao Instituto do Campo Freudiano de São Paulo, responsável pelo eixo clínico do Projeto Caminho de Volta da Faculdade de Medicina da USP – Brasil. Email figarcia@usp.br

não percebia que o sujeito que estava se manifestando pela via do silêncio não se posicionaria como alienado ao desejo do outro, não seria “obrigada” a se submeter a meu desejo.

Todavia, um ato da analista possibilitou que Ana contasse e resignificasse sua história. Recebi da psicóloga que entrevistou o pai na delegacia uma foto e coloquei-a em cima da mesa da sala de atendimento. Ao ver a foto me disse “*Onde você conseguiu isso? Esse boné que estou usando foi presente de um amigo, etc..*” A partir disso as associações surgiram e ela passou a falar sobre sua relação com o pai, fugas, violência sofrida, expectativas sobre o futuro.

Malengrau (2003) fala que na experiência psicanalítica há duas dimensões do real, a do encontro com o analista e a do fora-de-sentido. O que pode aparecer de inusitado, de acaso durante a análise é o que Lacan convida os analistas a se darem conta de que isso faz parte da própria experiência psicanalítica. A fotografia foi o acaso que permitiu um novo posicionamento da adolescente na sessão, modificando a qualidade da transferência. Acaso também para mim, pois eu desconhecia a existência dessa foto e, portanto, foi algo não planejado enquanto manejo em um trabalho que eu considerava não analítico. Esse caso permitiu meu encontro com o real do gozo que insiste e atravessa o dispositivo analítico.

Na última sessão, ao saber que não precisaria mais vir, ficou surpresa. Sinalizei as diversas vezes em que ela havia perguntado até quando teria que vir e a paciente respondeu “*Mas no abrigo me disseram que eu era obrigada a vir! Obrigada eu não quero.* Constatei o quanto meu desejo de que ela viesse em todas as sessões tinha sido captado por Ana e quando se deu conta de que estava livre da “obrigatoriedade” disse “*Mas eu posso ligar e vir quando eu quiser?*” Respondo que sim e lhe entrego um cartão para contato. Com espanto pergunta “*Você se chama Claudia?*” Estendo-lhe a mão e digo “*Muito prazer*”.

O caso mostrou como foi difícil sustentar o lugar de analista na interface com o discurso universitário e como fazer psicanálise sem resvalar na psicoterapia. O analista que trabalha na Universidade lida com a castração da equipe multidisciplinar e o fato de não encontrar uma resposta que sirva para tamponar o furo no real e garantir a efetividade de uma pesquisa, não invalida o método psicanalítico e seu desejo de que se estabeleça o dispositivo analítico. Pesquisa e psicanálise é um desafio, mas não algo impossível, levando-se em conta que essa resposta é não-toda. O risco é que ao ser “devorado” pelo semblant de pesquisador, o analista se deixe iludir pela necessidade do “dar uma resposta” perdendo de vista o que está ali, na parceria sintomática que se estabelece naquele encontro. Pois mesmo se sentindo “obrigada” a vir nas sessões, a adolescente faltava quando queria.

Referências

- Elia, L. (2000) . Psicanálise: clínica & pesquisa. In Alberti, S & Elia, L. *Clínica e pesquisa em psicanálise* (pp.19-35). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Figaro-Garcia, C. (2010). *Uma proposta de prática psicológica para casos de desaparecimento de crianças e adolescentes*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

- Gattás, G.J.F., Figaro-Garcia, C., Landini, T.S. (2011). *Caminho de Volta: desaparecimento e exploração sexual de crianças e adolescentes*. São Paulo: Ed. Autor.
- Malengreau, P. (2003). Nota sobre a construção do caso clínico. *Almanaque de psicanálise e saúde mental*, 9, 11-14.